



2ª EDIÇÃO



UPHILE

REVISTA

"O Guardião das tuas Memórias"



CC 2025

www.revistauphile.com



2ª EDIÇÃO

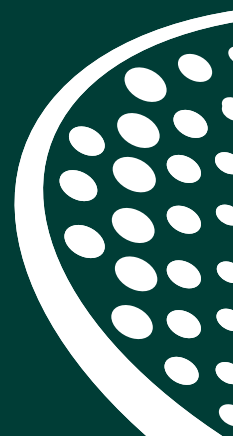


"Eu não escrevo com as palavras, escrevo com a vida"

Clarice Lispector

SUMÁRIO

NOTÍCIAS.....	05
ENTRETENIMENTO.....	19
ENTREVISTA.....	22
OPINIÃO.....	26
COLUNA.....	30
RESENHA.....	32
ENTRE VERSOS.....	34
DEVANEIOS.....	39
SINOPSE.....	44
MINHA BIO (Homenagem).....	46
PERGAMINHOS.....	49
AGENDA CULTURAL DOS ARTISTAS E CASAS DE PASTO-DEZEMBRO.....	51
MEU DESTINO.....	53
MEU PRATO.....	57





NOTÍCIAS



O RETORNO DO FESTIVAL DAS ESTRELAS DO LAGO GERA EUFORIA NOS PARTICIPANTES



APraia de Chuanga, no Distrito do Lago, transformou-se nos dias 14, 15 e 16/11, num verdadeiro palco de cores, sons e tradições com o retorno do **XIII Festival das Estrelas do Lago**, um dos eventos culturais mais aguardados da província do Niassa. Depois de uma seca de 6/7 anos, a comunidade celebrou o regresso deste importante evento turístico e cultural, que reforça a identidade local e reúne artistas, líderes comunitários, turistas e amantes da cultura.

Na cerimónia de abertura, actuações vibrantes de grupos de dança tradicional (M'ganda de Nctenga e Chioda de Chuanga) reforçaram o sentido de pertença e identitário do povo yao, makua e nyanja. Vestidos com trajes coloridos e instrumentos típicos, emocionaram o público ao homenagearem as raízes culturais que definem a região e a cultura do Lago Niassa.

"O Festival das Estrelas do Lago é mais do que um evento cultural; é um símbolo de união e resistência do nosso povo. Depois de desafios económicos e climáticos, voltamos a mostrar que a cultura continua viva, forte e capaz de inspirar o futuro das novas gerações." Disse a Governadora do Niassa, Elina Judite da Rosa Victor Massengele, no acto do lançamento.

"Este festival tem um impacto enorme no desenvolvimento cultural e turístico de chuanga, do distrito do Lago e da província, no geral. Aqui celebramos a nossa diversidade, mas também chamamos atenção para os problemas que afectam o Lago e as nossas comunidades. A cultura é um instrumento poderoso de educação social." Referiu-se Fiel Rodrigues Tasse, Director Provincial da Cultura e Turismo.

A forte presença da juventude marcou profundamente o evento. Vários artistas emergentes subiram ao palco, interpretando canções que reactualizam Niassa, com destaque, para a importância da preservação e o futuro das comunidades. A alegria, a energia e a criatividade juvenil deram um novo fôlego à celebração.

Para o público, "A preservação das nossas danças, das nossas canções e dos nossos rituais depende de encontros como este. O XIII festival marca um retorno muito esperado, e sentimos orgulho em receber visitantes de toda a região."

SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Uma Prioridade do XIII Festival das Estrelas do Lago

Várias actividades antecederam o evento, entre as acções, a **Direcção Provincial da Cultura e Turismo**, junto do Governo do Distrito do Lago e do Município de Metangula, entre outras autoridades locais, pautou por jornadas de limpeza, acompanhadas de sensibilização dos utentes da praia sobre a necessidade urgente de preservar a zona costeira, acções de mitigação de erosão, destacando que a força das águas tem destruído infra-estruturas turísticas e alterando a paisagem natural da praia.

Para fortalecer a mensagem, foram realizadas pequenas exposições com fotografias da erosão, palestras de especialistas e campanhas de recolha de resíduos ao longo da praia.

Expectativas e Impacto do XIII Festival das Estrelas do Lago

O retorno do Festival das Estrelas do Lago trouxe grandes expectativas para o comércio local, turismo e dinamização económica da região. Muitos vendedores, artesãos, músicos, pescadores e pequenos operadores turísticos afirmaram que o evento é uma oportunidade crucial para aumentar as suas rendas e promover os seus produtos.

"Agradecemos e está de parabéns o Governo pela retoma do festival, assim conseguimos vender mais produtos para sustentar as nossas famílias."

A comunidade acredita que esta edição marcará um novo ciclo de crescimento cultural e económico, reforçando a importância de valorizar a identidade local e de proteger o ambiente para garantir um futuro sustentável.

"Há muito tempo que a praia não ficava assim, até os espíritos alegram se ver Chuanga desse jeito."

Foram alguns dos relatos que vários grupos faziam no âmbito do retorno do **Festival das Estrelas do Lago**.

O XIII Festival das Estrelas do Lago que teve duração de 3 dias, contou com cerca de 20.000 participantes, que desfrutaram de momentos de lazer jogando futebol de praia, praticando canoagem, excursão à Localidade de Messumba, um banho do sol, música no palco das estrelas do Lago, que juntou cerca de 100 artistas, de várias proveniências do Niassa. A afluência ao evento, expressa um clamor que há muito não era atendido pelas autoridades.

Mais do que um evento turístico e cultural, o Festival das Estrelas do Lago serve de promoção do Niassa para o mundo.





NOSSOS SERVIÇOS

Fornecimento

- Material de Escritório ●
- Material Óptico, Fotográfico, ●
- e Cinematográfico ●
- Mobiliários, Eletrodomésticos ●
- Equipamento Informático ●
- Ferragens, Tintas e muito mais ●

Gráfica e Design

- Estampagem ●
- Bordado ●
- Impressos Personalizados ●
- Convite, Cartaz, Cardápio, ●
- Crachá, Cartão de Visita ●
- Foto Tipo Passe ●

Papelaria

- Cópia ●
- Impressão PB & Colorida ●
- Encadernação ●
- Plastificação ●
- Digitalização de Docx ●
- Digitação de Docx ●

REVISTA UPHILE MARCA PRESENÇA NO MAIOR FESTIVAL TURÍSTICO E CULTURAL DO NIASSA



A “**Revista Uphile**” marcou presença no **XIII Festival das Estrelas do Lago**, um evento que reuniu artistas, criadores de conteúdos e apreciadores das artes. O festival, conhecido pela exaltação das artes e do turismo, também é porta para promoção de intercâmbio cultural.

A participação da Uphile foi nesse sentido, pois o evento permitiu divulgação dos serviços da revista, reforço da visibilidade nas plataformas digitais e um network com diversos actores da indústria cultural e criativa da província.

Durante o evento, a Uphile interagiu com os artistas, dirigentes (**Fiel Rodrigues Tasse Adia**, Director Provincial da Cultura e Turismo, e **Sónia Miquidade**, Directora dos Serviços Provinciais das Actividades Económicas) e o público no geral, que recebeu de bom grado a iniciativa de criação de uma plataforma que visa promover a cultura de Niassa. Para além do “giro” na praia para colher depoimentos, a equipa recebeu vários visitantes no stand, que se informaram de perto sobre a vida da revista.

“Foi a primeira vez que ouvi falar da revista e fiquei verdadeiramente impressionada. Não imaginava que existia um projecto tão bem organizado e focado em dar voz as pessoas das nossas comunidades. A forma como me receberam, explicaram os objectivos da revista e mostraram alguns trabalhos, deixou-me curiosa e motivada a acompanhar. Saí do local a sentir que tinha descoberto algo novo e muito importante” disse Rabeca Andrade.

“A revista Uphile surpreendeu-me pela forma profissional e acolhedora como trabalha. Sentí que realmente valorizaram o meu talento e a minha história na entrevista que gravaram sobre a minha carreira. É raro encontrarmos plataformas que dão espaço aos artistas emergentes com tanta seriedade. A iniciativa é inspiradora e necessária.” partilhou o músico Faxidjinho.

“Nunca ouvi falar da revista, mas o seu surgimento representa um avanço enorme para a comunicação cultural da nossa região. Gostei da iniciativa porque mostra que estão atentos ao que acontece na comunidade e dispostos a apoiar quem produz arte, talento e conteúdo positivo, e tem um cenário muito bonito.” Afiançou um visitante.

A boa receptividade traduziu-se num aumento significativo de seguidores nas plataformas digitais da revista, mostrando que o público valorizou a presença da revista no festival. Com esta participação como expositor e na cobertura do evento, a Uphile marca um passo muito importante na arena cultural e trilha um caminho para sua afirmação como uma plataforma de valorização, divulgação e guardião das memórias do povo de Niassa.



UNIROVUMA PROMOVE MESAS REDONDAS NO ÂMBITO DAS CELEBRAÇÕES DO DIA DA CULTURA DE QUALIDADE

A **Universidade Rovuma**, Extensão de Niassa, promoveu hoje, 17/11, no campus universitário, mesas redondas por ocasião da celebração do **Dia da Cultura de Qualidade**. O evento celebrado sob Lema: *"Promover a Cultura de Qualidade para Alcançar a Excelência"* contou com participação do corpo docente e estudantes da UniRovuma e da Universidade Católica de Moçambique.

Durante os debates, a classe académica reflectiu sobre o fortalecimento da cultura de qualidade no ensino superior, como mecanismo para influenciar políticas para promoção de uma indústria criativa de excelência.

"A valorização de uma cultura institucional de qualidade, visa essencialmente, garantir a harmonia e o bom funcionamento das universidades. Deste modo, a excelência só pode ser alcançada quando há compromisso colectivo e responsabilidade partilhada entre todos os actores académicos" defendeu PhD. **Arlando Gumandane**, Director Adjunto da UniRovuma.

Outras intervenções que marcaram o debate foram do MSc. **Andrew Bandawe** que referiu que *"A cultura de qualidade na universidade deve ser vista como algo espiritual, que nasce de dentro para fora. A qualidade não se impõe; floresce, assim como um jardineiro cuida do seu jardim."* E para o MSc. **Vitalina Temporário** *"A qualidade não pode ser um exercício temporário; deve ser um compromisso vitalício."*

O debate estendeu-se à segunda mesa redonda liderada por palestrantes estudantes, alguns dos quais fazedores das artes, que trouxeram reflexões para a melhoria da qualidade tanto da cultura de trabalho na academia assim como na comunidade em geral.

Para **Inocêncio Dique**

"Não podemos aceitar a padronização da corrupção entre professores."

Ana Nacusse

"Nós, estudantes, somos o coração da universidade."

Feliciano Salomão

"Até que ponto o ChatGPT influencia no nosso aproveitamento pedagógico? E como ele contribui para a promoção da cultura de qualidade?"

Nilsa Rodrigues

"Devemos optar pelo conhecimento. Não há corrupção sem o corrupto."

Nesta fase, a discussão foi marcada por intervenções críticas sobre a responsabilidade dos estudantes e a urgência de combater práticas antiéticas, como corrupção e assédio. Entretanto, a estilo de academia, também houve vozes que defendiam abertura para expressão livre de opiniões em salas de aulas.

A fechar, o PhD **Óscar Daniel**, numa intervenção satírica, sentenciou *"Sou até a favor que o dilúvio volte e recomece tudo de novo."* Alongando-se, o académico, concentrou-se na necessidade de vigilância estudantil diante de práticas como assédio e corrupção, reconhecendo que a falta de provas concretas muitas vezes impossibilita medidas disciplinares severas. Enfatizou ainda que a não compactuação é o primeiro passo para transformar o ambiente universitário.

E para fazer jus ao evento, a cultura marcou o dia, onde o canto coral, o desfile de moda, a poesia e a dança, entre outras actuações, animaram o colóquio que se pretende que seja rotineiro na academia.




A Billy Barrass Agency, agitou as plataformas digitais com o lançamento da EP. "Namawurera", da autoria do carismático **SR. PCA**. Com o flow e dicção inconfundível, o rapper, estreia na indústria musical com a primeira obra individual, numa política inédita para a agência, que até aqui habituou seus fãs em trabalhos de projectos colectivos.

À nossa equipe, o **SR. PCA**, referiu que "o lançamento da EP 'Namawurera' representa uma política da BB Agency, que prevê para este ano lançar trabalhos a solo de cada um dos membros"

Mais adiante, o rapper demonstrou se satisfeito pela repercussão da EP, que em menos de 24h contava com várias visualizações no canal do YouTube. Na primeira aventura sem a voz da sua dupla Alice Marconi, SR. PCA, pronunciou se nos seguintes termos: "é sempre um prazer cantar ao lado da Alice assim como dos outros artistas da BB, mas desta vez optamos por uma estratégia diferente para trazer novas coisas, o mesmo vai acontecer com os trabalhos dela assim como dos outros membros, em que a agência irá lançar, pode aparecer um de nós nas faixas ou não." De referir que o projecto "**NAMAWURERA**" conta com duas faixas, uma delas tem o título da obra e retrata a estória de um amigo que nunca paga a conta, num apelo claro à partilha das despesas em momentos de convívio. Após uma actuação brilhante no palco do XIII Festival das Estrelas do Lago, a **BB Agency** volta a ser o nome da indústria musical em Niassa com um lançamento que parou as plataformas digitais, conquistando simpatia dos seguidores e não só.

BILLY BARRAS AGENCY AGITA AS PLATAFORMAS DIGITAIS COM UM NOVO LANÇAMENTO



NAMAWURERA
E.P.

SR. PCA
WATCH AND LISTEN NOW

TRACK LIST

1. **NAMAWURERA**
FT. KIKO & PRISCILA
2. **KINNONA**
FT. SALIMO & PRISCILA

BB AGENCY

EXPLICIT CONTENT

LÍNGUA PORTUGUESA E INTERCULTURALIDADE NA CPLP (MOÇAMBIQUE)

No dia 18 de Novembro de 2025, o Campus Universitário de Nângala, cidade de Lichinga, foi palco de um Evento Intercultural promovido pelos estudantes do 3º ano do curso de Português, uma iniciativa orientada pela Mestre **Zarita António Cômora** e que marcou o encerramento da disciplina **“Língua Portuguesa e Interculturalidade na CPLP”**. O ambiente esteve carregado de cores, sabores e ritmos que celebravam a diversidade cultural de Moçambique, num encontro onde a partilha e a valorização identitária ganharam destaque.

A actividade teve como ponto central a gastronomia, um desafio em que cada estudante preparou um prato típico da região de um outro colega, promovendo assim uma troca cultural genuína. Da mesa partiam aromas do Norte, Centro e Sul do país, com pratos como matapa, Xima com caril de amendoim, feijoada tradicional, Karakata, peixe seco, entre outros pratos que reflectem não apenas ingredientes, mas também histórias, raízes e tradições familiares.

Para além da componente gastronómica, o evento incluiu debates que abordaram questões ligadas à interculturalidade no contexto moçambicano e no espaço académico. Os estudantes discutiram o papel da diversidade na construção de uma convivência harmoniosa, a importância das línguas nacionais e os desafios enfrentados num país multicultural. O evento prolongou-se com apresentações de danças típicas das três regiões do país, que deram vida ao espaço, enchendo-o de movimento, ritmo e energia contagiante.

A Docente **Zarita António Cômora**, responsável pela disciplina, deixou claro o seu orgulho pelo trabalho dos estudantes. Em entrevista à **Revista UPhile**, afirmou:

“Esta actividade foi muito mais do que um simples encerramento da disciplina. Foi um momento em que os estudantes puderam viver aquilo que estudámos ao longo do semestre. Falar de interculturalidade é importante, mas vivê-la é ainda mais enriquecedor. Estou bastante satisfeita com o empenho demonstrado e acredito que experiências como estas ajudam a formar profissionais mais conscientes, sensíveis e preparados para uma sociedade plural.”

Entre os vários estudantes envolvidos, **Judelte Maria Carlitos** destacou-se pela emoção com que participou da dinâmica gastronómica e das apresentações culturais. Partilhou connosco a sua experiência:

“Para mim, este evento foi especial porque me permitiu conhecer mais sobre as culturas dos meus colegas. Às vezes convivemos todos os dias, mas não conhecemos verdadeiramente de onde vêm e o que faz parte da história deles. Ao preparar um prato típico de outra região, senti-me ligada a uma realidade diferente da minha.”

O Evento Intercultural do curso de Português terminou com o sentimento de missão cumprida e com o orgulho de ter proporcionado uma experiência que uniu aprendizagem académica, prática cultural e convivência social. A docente encerrou deixando uma mensagem de continuação:

“A interculturalidade não termina aqui. Ela continua em cada gesto, em cada diálogo e em cada atitude que levamos para o nosso dia-a-dia.”

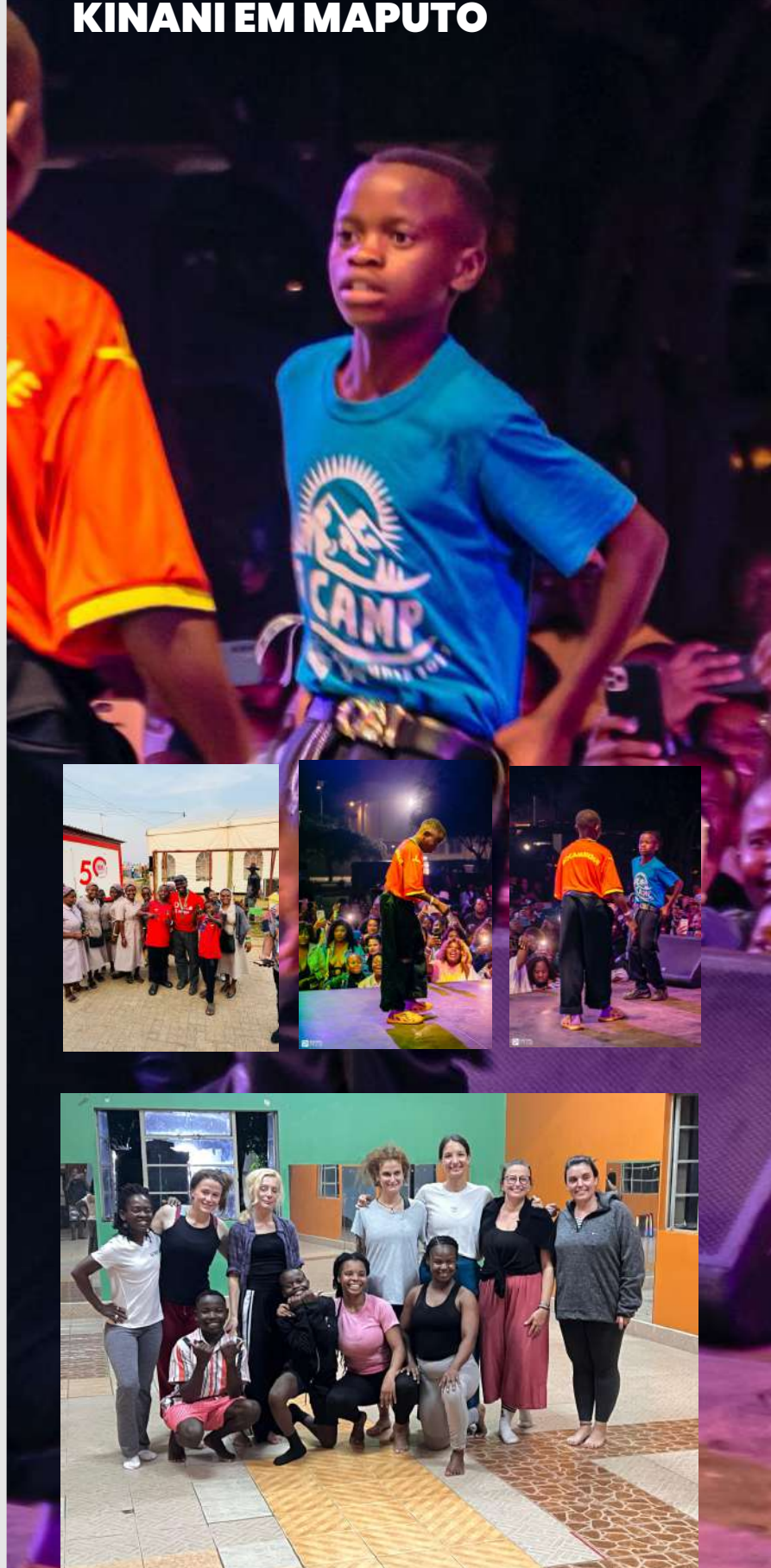
Teve lugar entre os dias 24 e 30/11, na cidade de Maputo, o Festival Internacional Kinani, um evento bienal, de dança contemporânea, que na 11ª edição, juntou artistas de todos quadrantes do mundo, na cidade de Maputo, para celebração da diversidade rítmica. Moçambique, anfitrião, contou na sua delegação com vários artistas, com destaque ao grupo "Os Kadodas" a dupla que se revelou maior atracção do evento, tanto pela idade (artistas mais novos do festival) quanto pelo mediatismo na classe artística presente.

À **Revista Uphile**, o representante da **Google Produções**, Helton Amaral, partilhou que a participação da dupla no evento foi bastante electrizante, apesar das dificuldades de comunicação com alguns artistas estrangeiros por causa da língua, os miúdos foram a maior atracção do festival, pelo sucesso e simpatia que granjeiam a nível internacional. Não se mostrou surpreendido pela atenção que "Os Kadodas" mereceram, pois segundo ele, são embaixadores do ritmo, factos comprovados pelo mediatismo nas suas aparições.

De Niassa para o mundo, a dupla "Os Kadodas" encantou no KINANI, tendo no dia 28/11, orientado sessões de aulas de kadoda aos diversos curiosos e amantes da dança no festival. Dignos de estrelas, Amwene e Parte Pedras, revelaram-se verdadeiros *entertainers*, brilhando nos palcos e abarrotando os locais por onde passam de fãs e admiradores que tudo faziam para pousar com os artistas.

Durante o festival, "Os Kadodas" figuraram num grupo selecto de artistas de cartaz, cuja actuação foi reservada para o dia 30/11, último dia do evento. O KINANI, é um cardápio recheado de arte, que junta temperos de paladares diversos, e neste ano, Niassa pela primeira vez, mais do que dançar, exibiu ao mundo, suas tradições.

OS KADODAS DOMINAM OS CORREDORES DO FESTIVAL KINANI EM MAPUTO



"DO PAPEL À VIDA: WHENDY LANÇA LIVRO E ESTREIA-SE NO MUNDO LITERÁRIO NUM EVENTO HISTÓRICO"

No dia 29 de Novembro de 2025, o Centro Cultural Bela Vista, em Lichinga, foi palco de um momento histórico, que enriqueceu ainda mais as prateleiras literárias de Niassa, com a chegada nas mãos dos leitores da *Jornada do Caos- Asas de Luz e Sombra*, da escritora **WhendySheCat**, de apenas 13 anos. Numa cerimónia cujo início foi monitorado pela luz do sol, a lua fez companhia noite adentro, enquanto as sombras na sua jornada, iam escasseando, dando lugar, o encanto, a maturidade, discernimento e coragem.

Whendy reuniu naquela sala, dirigentes, escritores, familiares, amigos e amantes das artes de Lichinga, numa obra, descrita como forte, reflexiva e surpreendentemente madura, que explora os dilemas entre o bem e o mal, a convivência humana e as escolhas que definem os caminhos do quotidiano.

No contexto da cerimónia, **Euse Patrício**, Presidente do Clube dos Escritores, Poetas e Amigos de Niassa (CEPAN), destacou que WHENDY representa um **marco histórico para a literatura moçambicana**, especialmente para Niassa. Ele ressaltou que a jovem autora rompe barreiras de idade e género, trazendo à tona reflexões profundas sobre ética, convivência e a responsabilidade de cada escolha.





Outro olhar atento, vindo do universo acadêmico presente, reforçou que a obra surpreende pela maturidade e profundidade filosófica, lembrando que não se deve julgar alguém apenas pelo que ouve. Cada página do livro carrega valores e nostalgia, convivência e análise crítica, mostrando nas 45 sessões da obra, que o conformismo com o óbvio é uma questão de escolha.

Amigos e familiares, escritores e todos participantes, regozijaram-se com a **sabedoria rara e o talento precoce da autora, que em plena sala repleta de gente da literatura, foi mais do que escritora, encarnou variados papéis, exibindo oratória, retórica e eloquência discursiva pouco vista até nos meandros das artes.**

Mais do que um lançamento, a apresentação de *Jornada do Caos- Asas de Luz e Sombra* foi um sopro de esperança, uma lembrança de que até adolescentes podem ser fonte de criatividade, coragem e transformação. WHENDY nos convida a reflectir sobre a vida com atenção e ética, mostrando que cada escolha, gesto e pensamento tem o poder de mudar o mundo ao nosso redor.

A literatura moçambicana celebra o surgimento de uma voz juvenil que promete iluminar os caminhos da arte, inspirando jovens a acreditar que não existem limites para aqueles que ousam sonhar, escrever e sobrevoar suas próprias sombras sob cuidados de luz.



REVISTA UPHILE RESPONDE À CHAMADA DO UNIVERSO LITERÁRIO EM NIASA

A **Revista Uphile** tomou parte do lançamento do livro "*Jornada do Caos- Asas de Luz e Sombra*" da pequena WhendySheCat, como um braço que se pretende fiel aos eventos culturais da província. Um universo onde os fazedores das artes se transformam em astros, os consumidores, em viajantes silenciosos, e nós, a tripulação.

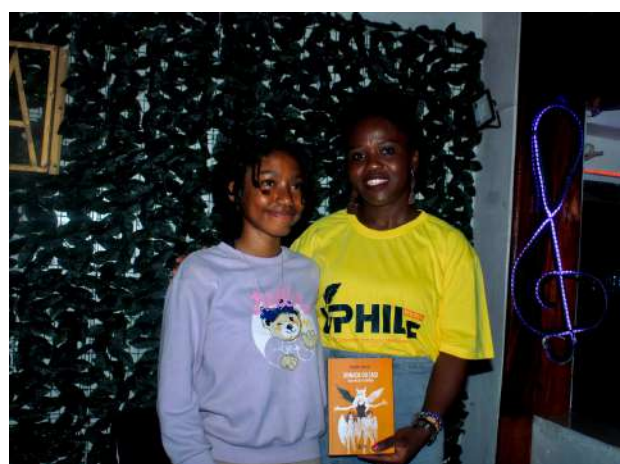
No salão do evento, cada página parecia respirar, e Uphile, dava vida e asas a cada instante da cerimónia na sua live, como se a própria obra da WhendySheCat, tivesse pulsado para cada seguidor sedento pelo mundo fora daquelas paredes.

A revista caminhou pelo espaço como jardineiro de memórias, colhendo instantes, recolhendo vozes, registrando cada gesto que, mais tarde, florescia em reportagem. Era guardião de histórias, atento ao brilho nos olhos dos presentes, na poesia dita no silêncio das palavras e em toda conectividade com o mundo externo.

O público deslizava entre cadeiras e corredores como um rio curioso, levando consigo palavras recém-nascidas. E a Uphile, bebia desse rio, sorvia cada opinião, entusiasmo, silêncio que, por si só, também dizia tanto. Ali, o encontro entre leitores e autora parecia um abraço feito de luz e sombra, tal como o título da obra.

Enquanto Whendysoltava ao mundo o seu livro, a Uphile transformava o momento em testemunho eterno. As lentes capturavam sorrisos como borboletas; os microfones recolhiam depoimentos como sementes prontas a brotar em futuras edições.

No final, quando o evento se despediu de si mesmo, ficou no ar uma brisa leve, de satisfação, feita de poesia e esperança. E a Uphile, fiel ao seu propósito, recolheu essa brisa e guardou-a como se guarda um perfume raro para mais tarde a transformar em narrativa, em eco, em memória viva que continua a viajar, mesmo depois de as portas se fecharem.



"A URGÊNCIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL EM MOÇAMBIQUE: REFLEXÕES A PARTIR DO DICIONÁRIO DAS PROFISSÕES"

O Presidente da República afirmou recentemente que *"o diploma, por si só, não garante acesso ao emprego"*, destacando a necessidade de repensar a forma como o país prepara os jovens para o mercado laboral. Esta colocação, contundente e realista, evidencia um problema que Moçambique insiste em ignorar: a urgência de mecanismos eficazes de orientação vocacional, elemento ainda pouco valorizado no contexto nacional. E, enquanto não reconhecermos que a Orientação vocacional é uma necessidade estrutural, e não um luxo, o país continuará a formar gerações que chegam ao mercado de trabalho sem clareza, sem preparo e, muitas vezes, sem esperança.

A ausência de uma orientação vocacional consistente em Moçambique produz impactos profundos. No plano individual, muitos jovens fazem escolhas educativas e profissionais pouco alinhadas com as suas capacidades, interesses e valores, o que aumenta a probabilidade de frustração, abandono escolar e mudança frequente de cursos ou caminhos profissionais. Sem apoio para explorar o seu potencial, inúmeros jovens acabam por seguir carreiras por influência familiar, pressão social ou mera falta de alternativas claras, comprometendo a construção de um projecto de vida coerente e satisfatório.

Do ponto de vista educativo, o sistema também não escapa às consequências desse vazio. A ausência de programas estruturados de orientação vocacional faz com que não haja correspondência entre a formação oferecida e as reais necessidades actuais do mercado de trabalho. Assim, formamos jovens diplomados, mas sem competências relevantes ou actualizadas, sem visão prática e sem capacidade para se inserir num mundo laboral em transformação, perpetuando o desemprego juvenil e o subemprego. Para o país, isso representa desperdício de recursos, pois muitos estudantes ingressam em cursos que posteriormente abandonam, prolongando o tempo de formação e alimentando um ciclo de desemprego juvenil difícil de quebrar.

No contexto socioeconómico, o impacto é igualmente significativo. A falta de orientação vocacional contribui para a escassez de profissionais qualificados em áreas estratégicas, enquanto outras se tornam saturadas. Jovens mal orientados tendem a integrar-se tardiamente no mercado de trabalho e, quando o fazem, frequentemente ocupam posições que não potencializam as suas competências, reduzindo a produtividade global. Além disso, jovens de zonas rurais ou de famílias com menos recursos são os mais prejudicados, pois têm menos acesso à informação e menos oportunidades de fazer escolhas conscientes.


Por fim, o impacto emocional e social, talvez o mais silencioso e devastador, manifesta-se na forma como os jovens percebem o futuro. Sem orientação adequada, aumenta o sentimento de incerteza, desmotivação e ausência de propósito, factores que afectam a estabilidade emocional, o envolvimento comunitário e a capacidade de tomar decisões conscientes. Como enfatizado por Savickas (2013) e Super (1990), a orientação vocacional é um instrumento essencial para que o indivíduo possa planear a própria vida de forma informada e realista; quando essa dimensão falha, a sociedade perde coesão, criatividade e capacidade de inovação.

É por isso que obras como o *Dicionário de Profissões*, de Edgar Magalhães, merecem destaque. Numa realidade onde muitos jovens terminam o ensino sem conhecer o universo de profissões existentes, este livro surge como um instrumento de consulta claro, acessível e necessário. Ao descrever profissões, competências requeridas, áreas de actuação e caminhos formativos e grupos de formação (A, B e C), o dicionário oferece aos jovens exactamente aquilo que o sistema ainda não lhes garante: informação estruturada para tomar decisões informadas.

A orientação vocacional não é um serviço complementar, é um pilar de desenvolvimento humano, económico e social. Moçambique não pode continuar a pedir aos seus jovens que escolham o futuro no escuro, a orientação vocacional é uma urgência nacional. O contributo trazido pelo *Dicionário de Profissões* alinha-se com as perspectivas de especialistas internacionais que defendem que a escolha profissional não deve ser um acto improvisado, mas um processo orientado, informado e reflectido.

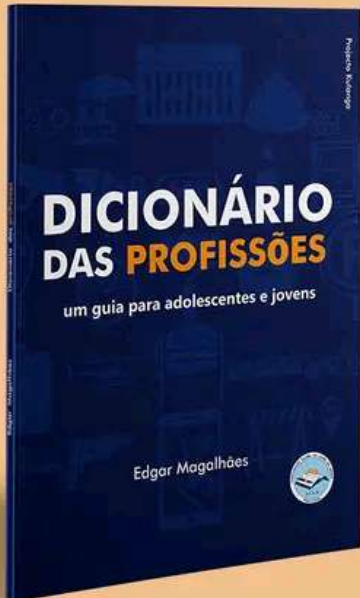
Savickas, M. L. (2013). *Teoria e prática da construção da carreira*. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), **Desenvolvimento e aconselhamento de carreira: Integrando teoria e investigação na prática** (2.ª ed., pp.147–183). Wiley.

Super, D. E. (1990). *Uma abordagem ao desenvolvimento de carreira ao longo da vida e em múltiplos papéis*. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), **Escolha e desenvolvimento de carreira** (2.ª ed., pp.197–261). Jossey-Bass.



Edgar Magalhães
Autor

Nesta obra, o autor demonstra, com devida reverência e comprometimento, os atributos de um verdadeiro educador de adolescentes e jovens. Todos os textos são redigidos em uma linguagem clara e directa, apresentando dados actualizados sobre as carreiras e oferecendo um amplo panorama sobre as profissões.




DISPONÍVEL





800 MT

Faça a sua reserva:
(+258) 875080660 / 842636972

uma iniciativa



Clube do Livro da Beira



ENTRETENIMENTO

LIGA DOS GALÁCTICOS: NOITE ÉPICA DE BATALHA DE ROMPIMENTO NO CENTRO DE EVENTOS BOM GOSTO

Na noite de ontem, o Centro de Eventos Bom Gosto viveu uma verdadeira explosão de talento, energia e competitividade com a realização da aguardada batalha de rompimento da Liga dos Galácticos. Dois dos maiores nomes do cenário local, MC Guebass e Listyla, subiram ao palco para um confronto marcado por rimas afiadas, improvisos inteligentes e uma troca intensa de provocações que deixou o público eletrizado do início ao fim.

Desde os primeiros versos, ficou claro que a disputa não seria fácil para nenhum dos lados. Listyla entrou com força total, apresentando uma performance cheia de personalidade, segurança e versos provocativos, buscando desconstruir o adversário e conquistar a plateia. Cada punchline levantava a torcida, que reagia com gritos, aplausos e vibração, mostrando o quanto a disputa estava acirrada.

Porém, foi MC Guebass quem brilhou na sequência, trazendo um flow agressivo, rimas precisas e respostas rápidas que foram crescendo em intensidade a cada round. A sua habilidade para improvisar e o domínio do microfone chamaram a atenção dos jurados e do público, que logo se renderam ao seu talento e carisma no palco.

Ao final, o resultado não deixou dúvidas: MC Guebass saiu vitorioso e foi coroado o primeiro

rei da Liga dos Galácticos, consolidando sua posição de destaque no circuito local.

Emocionado, Guebass comentou sobre sua preparação e respeito pelo adversário:

"Me preparei muito para essa batalha, sempre respeitando e sem subestimar o Listyla. Essa foi a chave para que eu pudesse garantir essa vitória e ser o primeiro rei da liga."

Por sua vez, Listyla demonstrou maturidade ao reconhecer o resultado e já anunciou sua vontade de voltar com tudo na próxima temporada:

"O júri foi justo, não tenho nenhuma reclamação. Essa derrota só me motiva ainda mais, e na próxima temporada venho para recuperar o que é meu por direito."

O CEO da Liga, Elizzy, destacou o significado do evento para a cena do rap batalhado e para as ruas: *Muitos duvidaram do movimento no começo, mas nós mostramos força, garra e que quem manda nas ruas é a gente. Essa é só a primeira temporada, e na próxima vamos com tudo para fortalecer ainda mais a Liga dos Galácticos.*

Além do talento dos MCs, o evento contou com o apoio fundamental do também MC Saloy, que contribuiu com 500MT e garantiu o Centro de Eventos Bom Gosto como sede das batalhas da Temporada 2, dando suporte estrutural e financeiro para que o movimento continue crescendo.

A Liga dos Galácticos encerrou esta etapa com chave de ouro, reunindo público, artistas e batalhadores em uma celebração da cultura do rap improvisado. A emoção, o respeito e a rivalidade saudável mostraram que o movimento está mais vivo do que nunca.

Agora, todas as atenções se voltam para a próxima temporada, que promete ser ainda mais disputada, com novos desafios, novos nomes e a certeza de que o rap batalhado continuará a ser a voz das ruas e o espaço de resistência e criatividade que sempre foi.





ENTREVISTA

ENTREVISTA

JOVEM PRODÍGIO: AOS 13 ANOS, WENDY JUSTO

ENCANTA COM DESENHOS, ANIMAÇÕES E ESCRITA.

"Eu já sabia ler e escrever com 3 anos..."

Na cidade de Lichinga, um talento jovem está a conquistar corações e mentes com criatividade e originalidade. Wendy Justo, com apenas **13 anos**, já se destaca como artista completa: domina o desenho à mão levantada, cria animações e escreve histórias que exploram temas profundos, como preconceito, conformidade e relações familiares.

De uma trajetória na precocidade de leitura e escrita para o mundo real: **com apenas 3 anos já sabia ler e escrever**, e aos 4 começou a desenvolver suas primeiras obras artísticas. Hoje, Wendy é exemplo de disciplina, paixão e talento, mostrando que a idade não é barreira para a criatividade.

A jovem artista vem surpreendendo professores, colegas e o público em geral, e a **REVISTA UPHILE** teve a oportunidade de conhecê-la de perto e descobrir mais sobre seu processo criativo, desafios e projectos futuros.

Nesta 2ª edição da revista, recebemos a multifacetada artista, WhendySheCat, com revelações inéditas, numa entrevista guiada por Julito de Samuel, disponível em: <https://revistauphile.com/>

Acompanhe...

Julito de Samuel: *Muito boa tarde a todos que nos acompanham neste exacto momento. Eu sou MC Jullas e estamos aqui para apresentar algumas obras da jovem artista Wendy Justo ou simplesmente, WhendyShe Cat. Pois bem, diga-nos primeiro: quem é a Whendy artisticamente? O que faz?*

Whendy: Boa tarde, eu sou WhendySheCat e faço desenho à mão levantado, faço animações e adoro escrever.

Que classe frequenta?

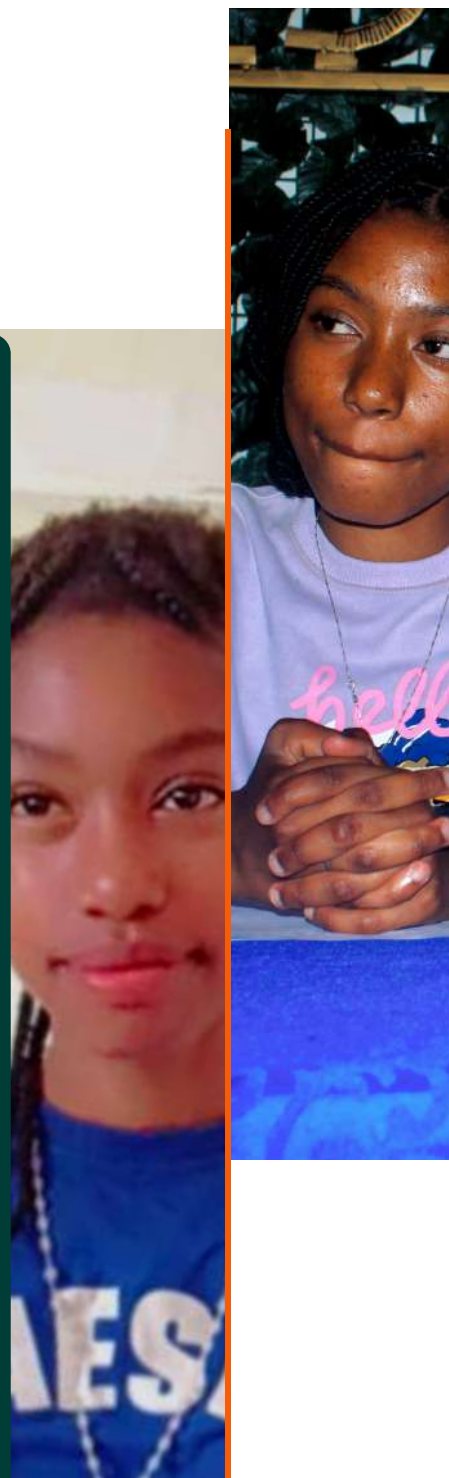
– Encontro-me na 9ª classe.

Tem colegas que também escrevem ou desenham?

– Sim, um desenha e também tem uma outra que escreve.

Então você desenha à mão levantada, faz animações e escreve. Um dado muito curioso que me deixou admirado antes mesmo de começarmos a entrevista: quantos anos você tem?

– Tenho 13 anos de idade.



ENTREVISTA

13 anos e já produz desenhos, animações e composições escritas. Quando começou a desenvolver esse espírito artístico?

– Já muito nova. Comecei a desenhar e a escrever histórias fantásticas. Muitas sobre o mundo real e outras fantasiosas.

Então começou primeiro por escrever e desenhar, e só depois desenvolveu a parte das animações. Lembra-se com quantos anos começou?

– Eu comecei aos 4 anos.

Aos 4 anos?

– Exactamente, mas não era o melhor momento.

Começaste a escrever aos 4 anos. Com quantos anos aprendeste a ler e a escrever?

– Aos 3 anos.

Com 3 anos já sabias ler e escrever?

– Sim, já juntava letras e fazia algumas palavras.

Quem te incentivou? É raro encontrar crianças dessa idade com esse nível de desenvolvimento.

– Eu via muitos livros em casa e via o meu pai lendo. Pegava os livros e fingia que estava a ler. O meu pai percebeu e perguntou se eu queria aprender. Depois começou a ensinar-me as letras e as sílabas.

Vamos ser sinceros, para a tua faixa etária, já era algo impressionante. Quais desafios encontraste por causa da tua idade?

– Talvez algumas pessoas não acreditem que eu poderia fazer algo interessante. Acho que esse foi o principal desafio.

Quantos textos têm até agora?

– Eu escrevia apenas em bloquinhos, porque era jovem. Escrevia um pouco e parava. No total, devo ter uns seis ou sete textos, incluindo o mais recente que será lançado ainda nesse mês.

Esses são os textos mais relevantes da tua carreira?

– Sim.

Qual é o título?

– Jornada de Caos: Asas de Luz e Sombra.

O que retracta nessa composição?

– No início, queria transmitir a ideia de conformidade de rebanho. Mas ao longo da história comecei a falar sobre preconceito. Então tratei esses dois temas.

ENTREVISTA

Em quem se inspira para escrever? Escritores nacionais ou internacionais?

– No início, inspirei-me numa cantora. Não pelas músicas, mas pelas mensagens reflexivas que ela transmite. Fala de temas como conformidade de rebanho e preconceito.

E o ambiente local também te inspirou?

– Sim, o ambiente à minha volta motivou-me a escrever.

Tens algum trecho do teu texto actual para partilhar com os que te acompanham?

– Sim. Um dos trechos fala do inferno e do céu de forma abstracta: *o inferno e o céu são os mesmos; só se distinguem pela nossa mentalidade.*

Este ano, tens alguma nova obra para lançar?

– Sim, estou a escrever um conto sobre *badparenting*. Em português, trata de relações familiares disfuncionais.

Qual o objectivo dessa obra?

– Quero retractar a ideia de família narcisista. É uma realidade emocional bastante comum.

Quando as pessoas vêem as tuas obras, qual é a reacção?

– Eu geralmente não mostro muito os textos, só os desenhos. Desenho em vários lugares, até nos intervalos. As pessoas dizem que estão muito bonitos, mesmo quando acho que não estão. A minha mãe é a pessoa mais crítica — ela sempre aponta o que não está bem.

Então tens o apoio dela. Ela vê tudo antes de publicares?

– Sim.

Pensas dar outro passo, como fazer um livro ou revista?

– Ainda não pensei nisso. Tenho o que escrevi antes e o que tenho agora. Se juntar tudo, pode ficar algo muito bom... ou pode não resultar. Mas por enquanto o foco é – *Jornada de Caos: Asas de Luz e Sombra*.

Quanto tempo levou para escrever o livro?

– Levei de 3 a 5 meses.

Quantas páginas tem?

– De 89 a 90 páginas.

Tendo em conta que em Lichinga não temos editoras e aliado a isso, os custos, como foi o processo até a concretização deste objectivo?

– Do princípio não foi fácil, mas minha mãe esteve em frente de tudo, começou a campanha que passou pela TVM e muitas pessoas partilharam, o que fez com que o apoio viesse de todos lados, inclusive dos órgãos governamentais. Contamos com ajuda do tio Lino, da Oleba Editores, responsável pela organização do livro, e a nível da província também houve gente que preferiu manter-se no anonimato, mas que nos apoiou.

E para quando e onde será o lançamento?

– O lançamento será no dia 29 deste mês, no Centro Cultural Bela Vista.

Wendy, para finalizar, quero deixar aqui o meu reconhecimento pelo talento que estás a desenvolver tão cedo. Com apenas 13 anos, já és uma referência de criatividade e dedicação. A **REVISTA UPHILE**, continuará acompanhando tua trajectória com grande expectativa! Em nome da revista, convido a todos a fazer parte do lançamento da obra da pequena WhendySheCat, no próximo dia 29 de Novembro, no Centro Cultural Bela Vista.



Por Edgar Magalhães, Psicólogo e Escritor

Quem não gostaria de ganhar dinheiro fácil? Quem nunca sonhou, pelo menos uma vez, em apostar uns simples centavos e transformá-los em milhões? A promessa é tentadora rápida, acessível, quase mágica. É assim que os jogos de azar conquistam o imaginário humano há séculos. A ideia de que a sorte pode mudar o destino em segundos seduz milhões de pessoas em todo o mundo. A primeira vista, jogar parece inofensivo: uma distração, um passatempo, uma emoção momentânea.

Mas, por detrás das da adrenalina nas apostas, dos anúncios cativantes e das plataformas *on-line* que prometem riqueza fácil, esconde-se um perigo muitas vezes silencioso- um vício que aprisiona, corrói e, em casos extremos, conduz à tragédia do suicídio.

O jogo tem um encanto quase mágico. Basta um pequeno ganho para acender a chama da esperança. É nesse instante que o cérebro liberta *dopamina*, a substância responsável pela sensação de prazer e recompensa. Cada vitória, por mais pequena que seja, reforça o desejo de continuar. E assim, o jogador entra num ciclo viciante: quanto mais perde, mais acredita que pode recuperar; quanto mais ganha, mais quer repetir a sensação. O problema é que, com o tempo, o jogo deixa de ser diversão e transforma-se numa necessidade, num impulso difícil de controlar.

A partir desse ponto, as consequências multiplicam-se. As contas acumulam-se, as dívidas crescem subitamente, o sono desaparece e a ansiedade toma conta. Muitos jogadores vivem em constante tensão e depressão, tentando esconder a situação da família, dos amigos e até de si próprios. A vergonha e o medo do julgamento social fazem com que se isolem. Quando a realidade financeira e emocional colapsa, surgem sentimentos profundos de desespero e impotência. É neste abismo psicológico que muitos perdem a esperança e o risco de suicídio torna-se assustadoramente real.



Estudos realizados em vários países confirmam que a taxa de suicídio entre jogadores compulsivos é muito superior à da população em geral. Isto não é coincidência: é o resultado de um sofrimento silencioso, de um vício que destrói não apenas o património, mas também a auto-estima e a vontade de viver. E, em Moçambique, esta realidade ainda é pouco discutida.

Enquanto a publicidade das apostas desportivas e dos jogos *on-line* cresce a um ritmo vertiginoso, faltam medidas eficazes de prevenção e acompanhamento. É preciso questionar a ética de campanhas que romantizam o jogo, apresentando-o como uma forma moderna de lazer ou de realização pessoal. Basta ligar-se a qualquer canal televisivo e, em poucos minutos, é bombardeado por anúncios que exaltam a emoção de apostar, o “prazer” da vitória e a falsa ideia de controlo. São campanhas elaboradas, com rostos conhecidos e slogans apelativos, que transformam o jogo numa espécie de estilo de vida aspiracional.

Às vezes, a presença destas publicidades é tão constante que chega a ser sufocante: a cada intervalo de programa televisivo, lá estão elas, repetidas até à exaustão.

Nas redes sociais, a situação é ainda mais preocupante. Influenciadores promovem plataformas de apostas como se fossem produtos de moda, normalizando comportamentos que, para muitos, podem ser destrutivos. Jovens, ainda sem maturidade emocional ou financeira são atraídos por promessas de ganhos rápidos e histórias de sucesso que raramente correspondem à realidade, talvez também motivados pelo desemprego. E quando a sorte falha, como quase sempre acontece, resta o vazio, a vergonha e a frustração. A verdade é que, para muitos, o jogo não traz liberdade. Traz dependência, solidão e, em casos extremos, tragédia.

Há que reflectir: os casos de suicídio têm aumentado assustadoramente nos últimos tempos. *Será apenas coincidência? Ou estaremos a assistir, silenciosamente, às consequências de um sistema que promove o jogo como sinónimo de sucesso e felicidade?* Quando a sociedade normaliza a aposta como forma de ganhar dinheiro ou até como trabalho virtual, há algo profundamente errado. Por isso, é urgente repensar os valores que estamos a transmitir –especialmente às gerações mais novas– e compreender que, por trás de cada aposta feita com um clique, pode estar alguém a perder muito mais do que dinheiro. Pode estar a perder a esperança, a dignidade... e, porque não dizer a própria vida.

A sociedade, o Estado e as próprias empresas de jogo têm uma responsabilidade enorme neste tema. É urgente criar mecanismos de controlo, garantir apoio psicológico acessível e promover campanhas que mostrem, de forma clara e honesta, os perigos que o vício representa. O jogador compulsivo não é um fraco: é alguém que precisa de ajuda, compreensão e orientação.

Mas não basta apontar o dedo às instituições, a responsabilidade é de todos nós.

E tu, jovem, adulto, ilustre ou anónimo, independentemente da tua idade ou estatuto social, também tens um papel essencial nesta luta. Tens o dever de te proteger, de pensar antes de apostar, de não deixares que a ilusão do lucro fácil apague o valor da tua dignidade.

O jogo promete liberdade, mas muitas vezes aprisiona; promete felicidade, mas rouba a paz.

Evita cair na armadilha disfarçada de oportunidade, porque nenhum ganho justifica a perda da tua tranquilidade, da tua honra ou da tua vida.

Por João Sembezera (sembezera590@gmail.com)



COLONIZAR A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO MOÇAMBICANA

A inteligência artificial chegou às nossas escolas antes mesmo de termos resolvido os problemas básicos da educação moçambicana. Essa realidade exige reflexão: *será a IA uma ferramenta de emancipação ou uma nova forma de neocolonialismo?* A resposta dependerá da forma como nos apropriarmos dela e de como a moldamos segundo nossas próprias realidades culturais e sociais.

A inteligência artificial trouxe novas formas de pensar e aprender. Contudo, há o risco de que respostas automáticas e mecanicistas sufoquem o pensamento crítico, transformando estudantes em consumidores passivos de soluções prontas. Se não houver mediação pedagógica, a educação corre o perigo de perder sua função essencial: formar cidadãos capazes de questionar, interpretar e criar.

Moçambique enfrenta desafios estruturais profundos na qualidade do ensino. Em províncias como Niassa, a escola disputa espaço com ritos de iniciação que afastam jovens da sala de aula por semanas ou meses. Além disso, os casamentos prematuros continuam a retirar meninas do sistema educativo aos 15 ou 16 anos, perpetuando desigualdades e fragilizando o futuro das comunidades. Esses factores culturais e sociais, somados ao uso acrítico da IA, podem agravar ainda mais a crise educacional, minando o interesse dos estudantes e enfraquecendo sua autonomia intelectual.

O impacto da inteligência artificial dependerá da forma como a utilizamos. Se apenas consumirmos sistemas externos, corremos o risco de sermos colonizados por algoritmos que não reflectem nossa diversidade. Mas, se soubermos colonizar a tecnologia, poderemos transformá-la em aliada da educação crítica e inclusiva. Colonizar a IA significa: Integrar línguas nacionais e tradições nos sistemas de IA; produzir conteúdos locais que alimentem algoritmos e plataformas; capacitar professores para usar a IA como ferramenta crítica, e não como substituto da reflexão; transformar a tecnologia em instrumento de inclusão e valorização cultural.

O desafio não é rejeitar a inteligência artificial, mas reivindicar o direito de usá-la como instrumento de libertação. A educação moçambicana precisa de tecnologia que dialogue com a sua diversidade cultural e que fortaleça o pensamento crítico.



Piter Alfredo Chele

piterchele@gmail.com

COLUNA

PROF

NO DJANDO

"OS ULÚS", LÁ EM CASA



Por Luís Madaba (luismadaba@gmail.com)

Lá em casa, não raras vezes, ouvi a minha mãe ulular com as suas amigas, irmãs, primas..., que chegavam de visita e levavam muitos minutos, as vezes horas, entregavam-se à conversa. Naquele dia não foi diferente. Eu acabava de chegar do mercado, onde por orientações dela, havia ido comprar tomate. Quando regresssei, lá estava ela ululando com mais duas titias. Assim que me viu, percebeu que Maimuna, minha irmã que tinha apenas 6 meses, que carregava ao colo, estava sem um dos pés da sua sandália.

O fluxo dos "ulús" foi interrompido por alguns instantes, para dar lugar ao questionamento sobre o paradeiro da Sandália da Maimuna. "Não sei onde está", respondi. A partir daí, fui escoraçada, antecedido por palavras duras: "sua atrapalhada, não sabe controlar criança, vá, procurar sandália de bebé!" – disse ela com uma cara assustadora, a palma da mão levantada, gesto claro de que, se eu permanecesse ali, levaria uma daquelas chicotadas pesadas, como em outros momentos.

Saí a correr, aborrecida por perder os "ulús" seguintes, por culpa da maldita Sandália da Maimuna, que justamente desaparecera na hora que os "ulus" eram mais apetecíveis. Dentro de mim pairavam vozes de pergunta e indignação: por que a mamã se zanga comigo se foi a Maimuna quem deixou a sandália cair e não disse nada?

Hoje, já cresci, sei que a Maimuna não sabia nada sobre a sandália cair. Aliás, ela até podia sentir o objecto cair e ficar para traz, mas ainda não tinha competências para comunicar com clareza, mas sim, com uns tantos balbucios ou traquinices que eu, também criança, não sabia interpretar. Muitas vezes, era eu quem pagava pelos erros da Maimuna. "Sua atrapalhada, deixou a criança queimar, deixou a criança ferir-se, deixou a criança..." "Eram tantos, "atrapalhada, deixou criança", que perdi a conta.

Eu devia ser vigilante da pequena Maimuna para evitar que se magoasse, e assim, evitar os sermões e as chicotadas da mamã. O pico dessa responsabilidade foi atingido quando ela começou a gatinhar e, depois, a dar os primeiros passos. Aquilo parecia uma eternidade. Eu julgava que jamais seria livre como as borboletas. Era uma espécie de câmara de vigilância, sondando cada movimento dela, o tempo todo.

Assim foi a minha infância, e é a de muitas crianças na nossa África, Moçambique e Lichinga, em particular. Desde cedo, cuidamos de outras crianças. Os rapazes têm um pouco de sorte: ficam por aí, metidos nos seus brinquedos artesanais.

Chega de choramingar, deixa-me voltar a falar dos "ulús". Mas antes, desejo boas férias a todos os meninos e meninas, e espero que as mães livrem as meninas das Maimunas, para que elas, também tenham uma infância linda.

Nas conversas da minha mãe com suas amigas, tias e conhecidas, os "ulús" não faltavam. Às vezes, os "ulús", intercalavam-se com o bater do corpo das mãos de duas ou mais senhoras que ao mesmo tempo, se cruzavam ao meio, antecedido de uma situação ou dito agradável e digno de risos e comemoração momentânea. Surgia então aquela palavra de exclamação, de uma das integrantes do grupo e as outras seguiam o ritmo de "ululú", e ouvia-se: "Ulú" [...], num tom agudo e persistente. Havia também coincidência de "Ulús": duas ou três senhoras diziam no mesmo instante, "ululuu...", prolongado, cheio de us.

A outra versão de "Ulú" é "ulular" quando se canta, para animar a cantaria, também ulula-se, "ulululululu" a língua vibra ao fabricar ululus, também, faz vibrar os ouvidos pelo ritmo agradável e sem igual de ululululu...

É divertida a partida de "ulú" ou "ululus". Sem dúvidas, apimenta conversas e tempera como música ou como sal. Uma autêntica terapia de "Ulú" praticada pelas mamãs (predominante, na língua emakwa, língua falada no norte e algumas zonas do centro de Moçambique. Em outras zonas de Moçambique, os "ululus" estão também presentes nas cantarias tradicionais), não há nenhuma festa de casamento ou qualquer festa seja ela moderna ou tradicional que não se ouve um "ululuu..." persistente.

Eu, claro ficava curiosa para bisbilhotar o desenrolar da conversa sempre que surgia um "ulú". Muitas vezes, não entendia nada, falava-se em códigos, ou talvez a linguagem usada não era apropriada ao meu vocabulário fresco. "Deve ser agradável ulular", pensava. E prometi a mim mesma: quando crescer, quero ulular como a minha mãe, que gritava bem alto "ulú...", sem remorso, seguido de gargalhadas que apimentam o momento.

Hoje, senhora dona de mim, e já faço meus "ulús" e "ulululus" com as minhas amigas. Prova de que há sempre uma criança que mora dentro de nós. Mas não ousa deixar uma outra criança cuidar de outra, para não interromper a infância de quem quer que seja. Afinal, a infância é a melhor fase da vida, e toda criança é terra fértil, pode se semear [nela] qualquer cultura, vai brotar. "Flores que jamais, murcharão", parafraseando Machel.



RESENHA

A LUA DO ADVOGADO

O que dizer do conto “**A Lua do Advogado**”, de Antônio Carneiro Gonçalves?

É basicamente a história de um advogado que ganha uma perseguidora muito especial: a lua. E não é uma lua romântica, dessas que inspiram poetas — é uma lua fiscalizadora, com cara de quem está pronta para preencher um relatório sobre o comportamento dele.

“Há uma lua que não se limita ao céu: pousa nos ombros do advogado como um fardo antigo.”

E é verdade. A lua não só pousa: ela se instala. Estica as pernas, abre um guarda-chuva de luz e diz:

“Bom, meu amigo... vamos conversar sobre decisões duvidosas?”

Ela surge “redonda e parada”, parada daquele jeito desconfiado de quem sabe que o advogado fez alguma besteira. Parece uma dessas câmaras de vigilância modernas, só que gigante e flutuante — e sem botão de desligar. E lá vai o advogado carregando essa lua colada nas costas, como se estivesse a andar com uma lanterna moral apontada para a própria consciência.

A noite inteira participa do espetáculo. Até os grilos cochicham:

“Lá vai ele, iluminado por pura culpa.”

O advogado, confuso entre dever e memória, caminha embaixo daquele foco de luz que revela mais do que exame médico. A lua “abriu-se como um olho”, diz o texto — só faltou piscar. É o tipo de olho que olha para dentro da alma e pergunta:

“Defendeu mesmo aquele sujeito?!”

Mas é preciso admitir: a lua tem estilo. Não consola ninguém no escuro, mas ilumina como vitrine de loja cara. Não salva o advogado, mas clarifica tudo com a delicadeza de um holofote de estádio. Enquanto ele avança, parece que não está a andar numa estrada, mas num corredor de tribunal onde os retratos dos juízes o seguem com o olhar.

A Lua do Advogado não é cenário — é personagem principal, protagonista luminosa, atriz premiada da consciência. É o lado de fora da bagunça interna dele, transformado em claridade insistente. Um silêncio que fala alto. Um farol que nunca pisca. Uma verdade que observa com a paciência de quem trouxe pipoca para ver o drama.

E quando ele finalmente pára, talvez perceba o óbvio: nunca esteve sozinho. A lua o seguia — não para julgá-lo, mas para lembrá-lo de coisas importantes como:

nenhuma sombra existe sem luz,

nenhum homem engana a própria consciência,

e nenhum advogado escapa da fiscalização noturna do satélite natural mais fofo e mais inconveniente da história.

Pré Destinada

ENTRE VERSOS





CASO AMANHÃ EU NÃO ESTEJA MAIS AQUI

Caso amanhã eu não esteja mais aqui,
Guarde o meu sorriso nas tuas memórias,
Aquele que te dei sem pressa,
Como quem entrega o mundo num olhar.

Fica com o meu cheiro nas tuas roupas,
Meus bilhetes esquecidos nos cantos da casa,
Ou na marca de batom em cada pedaço de si

Se por acaso eu partir sem aviso,
Lembra dos silêncios que te abracei,
Das vezes em que fui casa nos teus dias de tempestade,
E do café que fiz só pra te ver sorrir.
Guarda meus gestos, ainda que pequenos,
Porque neles morei inteira.

Se amanhã a vida me levar noutro trem,
Fica com os planos que fizemos a dois,
Com os sonhos ditos no escuro,
E com a forma como te amei:
Sem metade, sem medida, inteira- como só quem sabe
ser.

Não chores minha ausência,
Viva por mim o que não vivemos,
Dance, viaje, ame de novo,
Mas lembre-se: fui tua com tudo que sou.
Se o vento soprar diferente,
Serei a brisa que beija teu rosto.

Porque mesmo se eu não estiver,
Ainda estarei onde houver ternura,
Onde tu pensares em mim com amor,
Porque o que é verdadeiro não morre,
Só muda de forma- e volta, no tempo, como flor.

Caso amanhã eu não esteja mais aqui,
Promete que vive, que segue,
Mas que nunca esquece: eu estive. Eu fui.
Te amei- e sempre estarei.

A Estrangeira



A VIDA QUE NÃO VIVI

A escuridão ameaça
os meus olhos antes de abrir.

Pai... cadê mamã agora?
Por que aos poucos vou sumindo?
Era pra nascer em Abril,
Mas a angústia vem me roendo.

Sinto em vós o cheiro de morte,
Voz que mata o ser sem protecção.
Papa meu sonho era ser contabilista,
Mas os sonhos foram-se, perdidos.
Esses arrebatados por químicos,
Ou os sem voz da manifestação
Vós, misoprotolistas

Dupla de assassinos sem remorso.
Falo pelos que foram enterrados,
Indefesos, sem voz, para sempre.

Mamã, me diz, tás feliz comigo?
Por me tirarem o direito à vida?
Por que sinto tua tristeza ainda,
Mesmo estando sem vida, sem chão?

"Viemos do pó e ao pó voltaremos",
Mas do ventre não retornaremos.
Mãe, estou cansado de tantas campas,
No ventre vazio, tantas vidas mansas.

Vou contar ao Mestre tudo, confesso:
Meus pais assassinaram minha vida.
Vivo no meio do nada, sem alento,
Pois minha existência foi falência.

Eles não sentiram afecto algum pelo feto,
E não foram punidos por seus crimes.
Leis de assassinos legalizaram crimes,
Tirando vidas antes de nascerem.

Queria, ó Mestre, também experimentar
a vida dos meninos que se divertem.
Vejo tantas crianças felizes e livres,
Isso me deixa cheio de ciúmes, sempre.

De: Jonito Carlitos Janeiro

EU SOU CUAMBA, E TU ÉS?

Sou a foto mais bonita. Céu
Sorriso que Cuamba guarda. Muacópalamé
Aroma que desfila no monte. Mitucué.
Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou ferramenta. Mendoza
Catxaça fresca. Mente que ecoa.
Ossura e cabanga que banha. Muandá.

Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou mucodó das 9
e muacathxó das 19
Sorriso morto sorrindo. Namutinbwua.

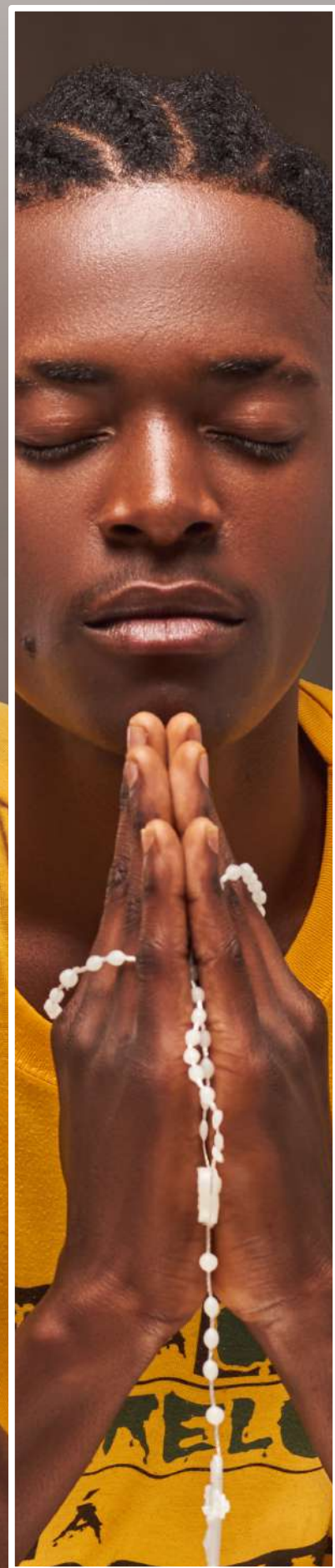
Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou o canto que canto. Canto
Neste canto encanto. Do canto
Envolvendo o canto. Mangas
Bunda leve ekháricó. Mucuapa.

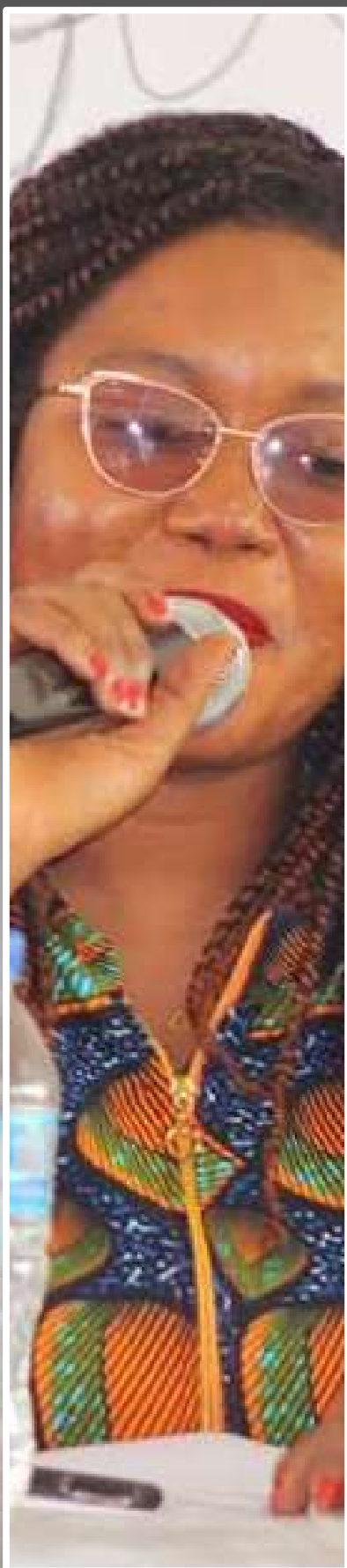
Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou ontem. Muicuna
Sou hoje. Maganga
Sou amanhã. Mujaua.

Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou a thianaorerá. Mutxóra
Sou chipi-chi pi. Wampula'ohiyo
Sou mpehere. Namacoma.

Eu sou Cuamba, e tu és?
Sou a poesia mais bela. Burundi
Eixo das abcissas. Adine
Por fim, sou a sintonia que passa na rádio. Namuithi.
Eu sou Cuamba, e tu és?.....

Evanildo Ferro





1.

Lindo, grosso e enrugado,
Rosto que sente,
Corpo que ressen-te,
Alma sagaz,
Valente sem foz.

2.

Fugir é narrar desejos sobre a fonte
Caçar ao relento,
E se soltar em frente a um Leão,
Devore-me, mas não me coma,
Decorre-me e me descreva,
No exacto momento em que a tinta cair.

3.

Pré- Destinada ao teu olhar,
Sou uma página em branco,
Ávida por ser escrita,
Por tua mão.

4.

Quero ser o verso e reverso,
A tinta e o papel,
O traço e a curva,
A palavra e o silêncio.

5.

Quero ser devorada por ti,
Mas não comida,
Quero ser descrita,
No exacto momento em que a tinta cair.

Pré Destinada

DEVANEIOS

ACHARAM O COFRE QUE O FALECIDO ENTERROU NA CAMPA DO PAI

Quando o milionário da zona faleceu, semeou-se um luto infindável na aldeia, que abalava a todos, sobretudo as mulheres que dependiam das suas moagens, que as aliviavam do martírio de usar o pilão para processar e moer o milho. O luto abalava profundamente os homens também, pois dependiam da sua barraca para a compra de produtos manufacturados e da frota das suas motorizadas, que lhes serviam de chapa que lhes levava à vila, sobretudo em situações de doença e atendimento às mães gestantes.

A sua barraca e os meios de transporte, mantiveram-se encerrados até à celebração do *alubahini*, cerimónia em que participam os familiares mais próximos, os filhos e as viúvas do finado. É o dia de divisão de bens; dia em que as viúvas tiram o luto e recebem a sua libertação para a vida normal. Passados os quarenta dias, todos os familiares, inclusive aqueles que o acusavam de feitiçaria, vieram das suas origens para testemunhar este momento.

O miliário tinha cinco esposas, quinze filhos e vinte netos, todos viviam naquela casa, como se de família alargada se tratasse.

Nessas zonas matrilineares dos *ajawas*, é comum as esposas do mesmo homem partilharem único espaço; são irmãs por adopção obrigatória. A única coisa que as separa é a escala de dias em que o maridão deverá permanecer na casa de uma. Apesar de serem apenas paredes as que as dividem, as outras quatro deverão, escrupulosamente, aguentar com o intervalo que pertence a outra. Na hora de refeição, cada uma leva a sua comida, seus filhos, e se juntam como se fosse banquete familiar. Entretanto, o homem só e só deve comer a merenda da mulher em escala. Até os filhos mais velhos recusavam-se a abandonar a casa, pois emboscavam a riqueza do pai.



Da zona de *N'kalapa* veio o *Sheik BonomadiYussun'na*, tio mais velho do finado, para orientar o ritual de libertação das viúvas e partilha de bens. O filho mais velho do finado era o tagarela da cena em defesa da sua mãe. Exigia, mesmo antes da divisão, a maior parte da herança. O *Sheik Yussun'na* começa o acto tecendo um conjunto de sermões, para dar a entender o sacrifício do irmão na obtenção daquela riqueza!

- A minha mãe é a única pessoa que se sacrificou e conhece o segredo desta riqueza! - Gritava o tagarela.

O *Sheik Yussun'na* decidiu começar pela divisão das roupas, tendo atribuído grande parte aos tios e irmãos do finado. Os cobertores de reserva foram entregues à mãe - sogra das cinco, avô dos quinze e bisavô dos vinte.

Pediu para que abrissem a barraca. As chaves estavam na posse da mulher mais nova. Assim o fizeram; viram que a mercadoria estava a esgotar-se, pois o finado deixara a vida nas vésperas do reabastecimento. Orientou para que fossem perfiladas as cinco motorizadas ali no pátio. Igualmente, mandou abrir as duas moagens - uma de pilar e a outra de moer. Chamou ao sobrinho mais velho, aquele tagarela, e sugeriu que, junto da sua mãe escolhessem o que lhes convinha entre os imóveis e móveis ali expostos. Ei-lo que exige que as duas moagens e uma motorizada passem a favor da sua mãe, alegando ser ela o segredo da riqueza, o que não agradou à maioria. Enfurecido, decidiu abandonar o recinto e tirou dali a mãe forçosamente.

O Sheik Yussun'na cedeu a barraca à mulher mais nova por ter sido a última gestora da mesma antes da morte do milionário. Determinou que uma moagem passasse para a mais velha e, ao filho mais velho, uma motorizada, com vista à evitar conflitos familiares. Uma moagem ficou com a mãe do finado, ele levou uma motorizada e as outras três foram entregues às três viúvas. A divisão foi consensual para os presentes, e decidiram libertar as viúvas do luto. Terminada a cerimónia, aquele ancião, aconselhou a aprimorar-se o diálogo entre as viúvas. Dali, foram entregues às suas famílias, excepto a mais velha e a última, que tinham filhos menores.

Dois meses depois do desiderato, a mulher mais nova, aquela que ficou com a gestão da barraca, foi queixar-se ao cunhado Sheik Yussun'na, sobre as ofensas, abusos e blasfémias que o tagarela encomendava a ela e aos seus petizes. Disse até que aquele jovem arrumava feitiços contra ela, razão pela qual a barraca ia rumo à falência. O conselho de anciãos decidiu reunir a todos para analisar a situação.

- Essa cabra sabe onde está o dinheiro do nosso pai. A barraca do nosso pai passou a local de encontro entre ela e os seus namorados. Não é digna de herdar a riqueza que a minha mãe construiu durante trinta anos. Queremos dinheiro do nosso pai! Insistia o tagarela.

As palavras do tagarela flagelaram aos presentes. Cada um envergonhava-se do outro. Os anciãos estavam boquiabertos perante as palavras do sobrinho mais velho.

- Quando começámos o negócio em 1980, fomos a M'buyo, limpar a campá do meu sogro. Levávamos farinha, sangues e águas à mistura. Lembro-me que fomos de noite e nus. De lá até a morte, ele frequentava sozinho aquele local. Isso dói-me! É lá onde guardamos o cordão umbilical do meu filho mais velho. Isso dói-me! Disse a mais velha em desabafo.

- As cinco motorizadas representam as vezes que abortei cujos fetos lá jazem na companhia do avô. As moagens são resultado dos meses que fiquei sem menstruar. Essa barraca é a alma do meu sogro – o guardião desta riqueza que hoje destruístes! Isso dói-me! Continuou choramingando.

Sheik BonomadiYussun'na, enfurecido depois das declarações do seu sobrinho e da cunhada, decidiu que os anciãos, incluindo essa cunhada, fossem a M'buyo visitar a campá do pai, para venerarem aos antepassados. Logo às dezoito horas, Sheik Yussun'na, a viúva e o n'galibalocal, foram à campá onde jazem os restos mortais do pai. Deixaram a viúva sozinha, a uma distância, para dirigir as preces enquanto nua. Uma hora depois, a viúva regressa carregada de panela de barro contendo águas e sangues à mistura, facas e agulhas enferrujadas.

- Eis aqui o tesouro deste ventre! Sequela dos meus abortos e das minhas menstruações. Eis o ventre desta guerra de gerações. Gritava, choramingando a viúva, regressando das preces.

Preferiram pernoitar em M'buyo, para no dia seguinte irem à aldeia mostrarem e comunicarem aos restantes o tesouro encontrado naquela expedição. Após m'bopezi do n'galiba, as seis horas do dia seguinte decidiram voltar à casa, munidos daquela panela de barro, contendo as nuances daquela fortuna. Na ladeia, a família estava reunida naquela à sombra de n'zóló, aguardando chegada dos anciãos.

- Eis aqui o tesouro deste ventre! Sequela dos meus abortos e das minhas menstruações. Eis o ventre desta guerra de gerações. Gritou a viúva, em desaforos diante das rivais.

- Eis aqui o cofre que o irmão enterrou na campá do nosso pai! Sinuou Sheik BonomadiYussun'na.

Oimpério cedeu! Os céus rasgaram-se; os ventos sopraram envergonhados. O sol assustou-se! Acabavam de arder as duas moagens e as cinco motorizadas griparam. Durante o dia, nem se quer um cliente visitou a barraca. Morreu uma fortuna, apagou-se a história de um reinado que durou três décadas.

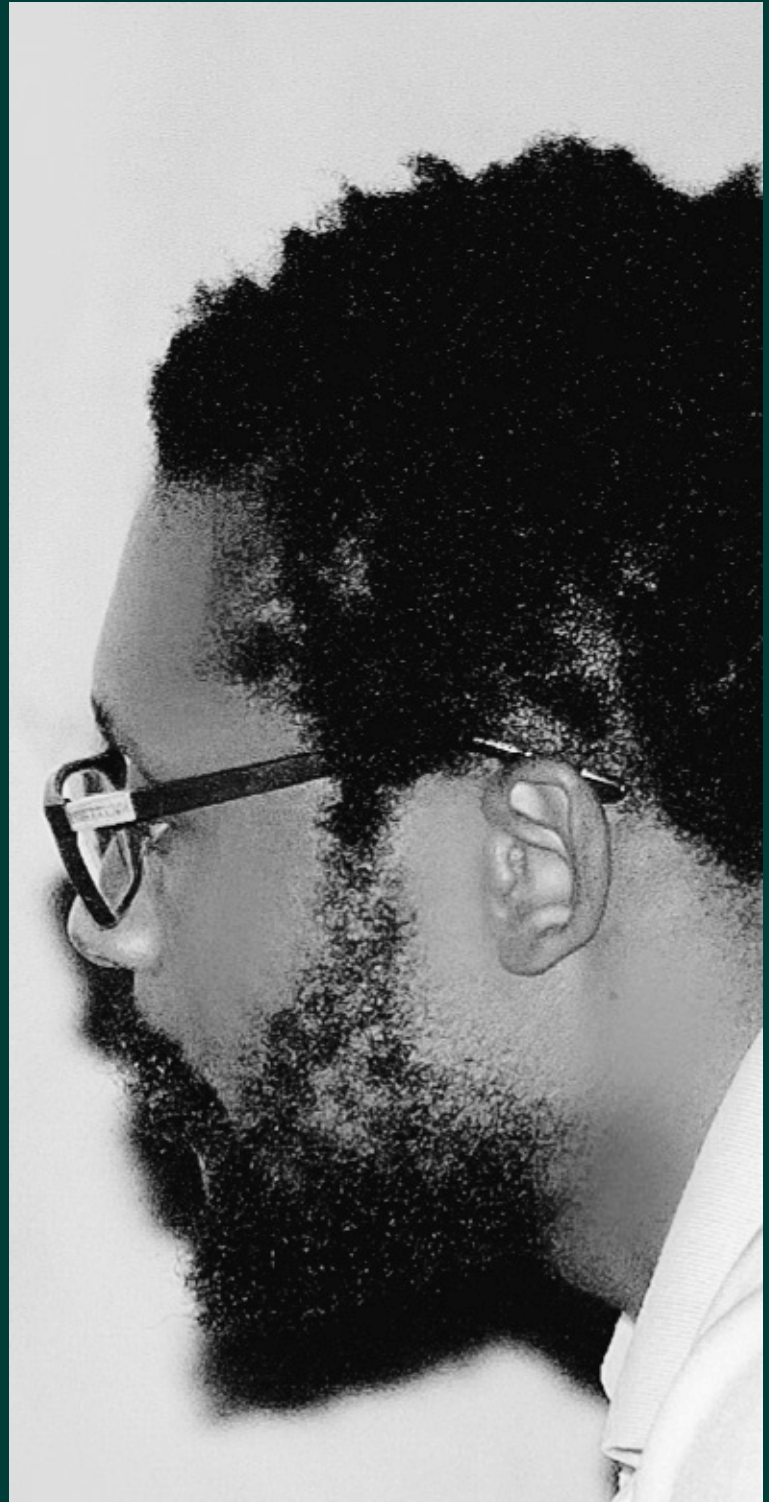
"A ESTÓRIA DE UMA GRAVIDEZ ANUNCIADA DUAS SEMANAS ANTES DO PARTO"

Por pouco a sexta-feira 13 não abraçou aquele festival cujo anúncio da retoma, abalou estruturas e egos. É que, por um erro ou acerto de cálculo, aquela edição, ancorou no dia 14, embora a sexta-feira tenha permanecido. Mas o 13 teimosamente continuava, pois mesmo abandonado por coincidir com num dia de semana que o oráculo não vê com bons olhos, a coincidência com a sexta-feira conformou-se no 13 pelo número da edição. Entretanto, nessa contagem, murmúrios à surdina apontam que ele assim ficou porque existe um filho bastardo e abandonado à própria sorte ao longo desses anos.

É uma disputa entre o 13 e o 14, tanto pela data quanto pela edição. Esse foi o prenúncio de que o que estava por vir não era, de todo, missão para leigos: era uma cesariana que exigia mestria e sangue frio.

Os bastidores ferviam de adrenalina, uma excitação que até sobrava. As ruas falavam línguas de agitação. Recordavam o nascimento dos outros 12, cujos anúncios bradaram os céus, partiram loiças e cessaram *xitegas*. Ainda assim, seus estragos não foram nem de longe, tão avassaladores como os do 13.

Os sábios perguntam-se como, em duas semanas, alguém cujo poder pelas ruas foi outorgado, sem experiência nenhuma, ingênuo, engravidou gente de expectativas e, logo nos preliminares, cessou uma menopausa de aproximadamente seis ou sete anos. Custava acreditar naquela gravidez. Dela, dela apenas esperavam-se infortúnios ou um comunicado do aborto, daqueles com mensagens retóricas que não vão além do peso fonético e semântico, onde todos lamentariam com muita dor e consternação, a perda.



Ntumbuluka

Os bufos eram soltos de todos cantos. Orifícios exalavam odores por todos poros. Os especialistas digitais, donos da verdade, sentenciavam fracasso daquela gestação. Questionavam preferências e, com base em teorias económicas, socioculturais ou incidências factuais, rodopiavam indignação.

Na teimosia típica, a gravidez indesejada continuava e prosperava. Houve instantes de exitação, anúncios esporádicos de aborto, mas teimosamente, ainda que a trajectória até ao palco da cesariana fosse um martírio para os condutores, o facto é que, o feto, a cada boato e trepidação, ganhava forma.

As investidas vieram de todos os lados até ao último minuto, e de todas estirpes. Falou-se de supostas traições, da falta dos orçamentos para acomodar as parteiras e até mesmo para o pagamento da pensão alimentícia. Sabia-se que, abandonado à própria sorte, nem a gestante nem o obreiro teriam como se reerguer. Para o espanto e surpresa de muitos, havia cede e muitos dariam mais do que possuíam, para ressuscitar a própria puberdade. Por isso, o anúncio do nascimento do XIII, no dia 14, foi também celebrado.

Os eventos do dia foram sublimes. Cortejos, solenidades e extravagâncias de variada natureza. Amassos, goles, nudez, corpos de todas geografias e mapas coloriam a praia. E, na euforia e no exagero, a gula, a bebedeira e a fornicção, foram exibidas comorevanche pelo dinheiro entregue no ofertório durante a *makeya*.

Houve exageros de todas partes. Parece que a dança só é dança quando a cintura mexe mais do que qualquer outra parte do corpo. Até a cabeça não dançou *kadoda* mais do que as cinturas. Os pilares das colunas e da iluminação, também foram *ticulados*. Enfim, cada artista conhece o seu público.

Foi assim no derradeiro momento da cesariana. Embora aqui, possa dizer-se que cada público conhece o seu artista. Naquela saída do palco, viu-se o insano, daquelas cenas que não se vê todos os dias no nosso meio. De braços projectados e corpo estendido ao alto, enquanto supostamente cantava, o artista era transportado do palco para uma passeata pela praia, enquanto saltitavam esqueletos possuídos de espíritos pornográficos que só o festival proporciona. Com a saída triunfal do último artista da noite do palco das estrelas do Lago e as cenas de adultos sobre as águas, paria-se, sem dúvidas, o XIII Festival das Estrelas do Lago



SINOPSE



JORNADA DO CAOS- ASAS DE LUZ E SOMBRA

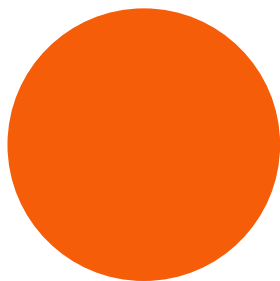
"Jornada do Caos- Asas de Luz e Sombra" é uma fascinante viagem em volta dos conflitos do submundo do planeta terra. **WendySheCat** estreia com um ensaio de 45 secções que fluem de forma multidireccional. Os episódios se encaixam de forma quase perfeita e sincronizada, permitindo leitura do livro do final para o início, ainda assim mantendo brio e coerência.

Na jornada do caos asas de luz e sombra, três mundos diferentes, o inferno, o céu e a terra coabitam no mesmo espaço, disputam as mesmas emoções e são influenciados por mesmas forças, típico da oralidade africana, mas ao mesmo tempo ganha dimensões cosmopolitas e universais com os seus personagens de olhos azuis e cabelos loiros. De forma fluente e cativante, conjuga verbos sobre personagens que fazem turismo em ambos os lados e que levam a emoção crua ao ápice, prendendo o leitor do princípio ao fim.

Em A jornada do caos asas de luz e sombra, estes mundos diferentes parecem ser faces da mesma moeda. Os opostos fazem parte da mesma razão de ser. É assim que surge a Saphira, um personagem intrigante e de carácter forte.

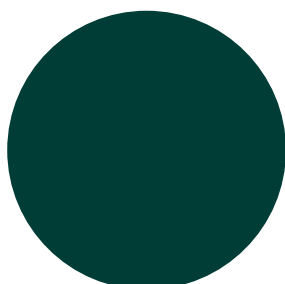
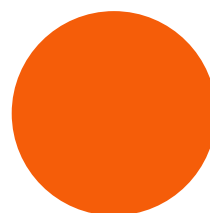
A obra expõe as peripécias dos bons e dos maus, os puros e os impuros que de forma camaleónica vão vestindo a coroa que lhes cabe em determinadas circunstâncias.

Adaptado do prefácio



MINHA BIO

(Homenagem póstuma)



HOMENAGEM

Bacar Ali Cuine, nome oficial de **N'fano WaDunia**, que conheceu o mundo a 01 de Janeiro de 1949 e o distrito de Marrupa, na província do Niassa, como porta de entrada. Cresceu num ambiente onde a tradição oral, a música e os rituais comunitários eram parte fundamental da vida social, guiada por Ali Cuine e Mariuaca Linga, seus progenitores. Embora solteiro nos ofícios, vive há 37 anos em união marital com Luciana Mauindo, sua companheira de longa data e apoio constante, com quem tem seis filhos, e em toda sua vida, respira arte.

Dono de uma voz tremenda e dedos finos na guitarra ou em qualquer outro instrumento tecido com material local, ainda jovem, aventura-se no mundo da música e em 1966, desponta como um talento a partir do distrito de Mecula. Desde cedo demonstrou aptidão para a música tradicional, inspirando-se nas celebrações locais, nos saberes transmitidos pelos mais velhos, nos conflitos sociais, entre outras situações da vida. Em 1975, enquanto Moçambique ficava independente, abraça Mandimba, fixa-se no Posto Administrativo de Mitande, bairro de Masserema, e de lá, espalha o perfume que encantou o mundo aos dias de hoje.

Ao longo dos anos, aperfeiçoou-se no género musical tradicional conhecido por *Thakare*, expressão artístico-cultural que representa uma forma tradicional da língua Emakua marcada por ritmo, movimento, espiritualidade e mensagem social. Para ele, o género *Thakare* tem origem da língua Emakua e simboliza mais do que um género, pois é também exaltação da paz, promoção da unidade e reconciliação entre os povos africanos e fortalecimento da harmonia entre os moçambicanos.

As suas músicas transmitem uma forte mensagem de gratidão e respeito aos guerrilheiros da Luta de Libertação Nacional, especialmente aos antigos combatentes, reconhecendo o seu papel na conquista da liberdade nacional.

O legado de N'fano WaDunia transcende a dimensão artística, é um símbolo de resistência cultural, um pilar da identidade macua, um educador comunitário, um agente promotor da paz e unidade, um guardião da memória histórico-cultural do Niassa, fazendo da sua obra, um património imaterial que Moçambique deve preservar e valorizar.

Encantou o público com suas participações em quase todas as edições do Festival Nacional da Cultura – FNC (Gaza-2008, Manica-2010, Inhambane 2012, Nampula 2014, Sofala 2016, Niassa- 2018 e Matola-2023), desde o extinto Festival de Música e Danças Tradicionais em 2007, representando dignamente o distrito de Mandimba e a província de Niassa. O seu percurso rendeu-lhe diversas homenagens e certificações de participação, diplomas de honra, títulos honoríficos, reconhecimento formal das autoridades culturais.

Granjeia simpatia e prestígio entre os fazedores das artes, pela autenticidade e paixão pelos instrumentos tradicionais e vocação para a música, mesmo sem rendimento. Com uma voz única e instrumentos com capacidade de manuseio que não estão ao alcance da maioria, sua actuação e presença carrega a ancestralidade e poder espiritual que encanta os apreciadores do ritmo tradicional. Ao longo do tempo, soube reinventar-se, razão pela qual, Niassa confiou nele e seus trabalhos, a representação em mais de 5 edições de festivais nacionais.

Hoje N'fano WaDunia é visto como um mensageiro da cultura tradicional e como guardião da memória colectiva do Niassa, que, entretanto, clama por um amparo social, tanto pela condição de saúde que exige muita atenção quanto pela precariedade da vida social, de muita carência. Pelo mérito e prestígio que goza nas comunidades e nos meandros da música tradicional, da cultura de Niassa no geral, que muito deu nos maiores palcos do país, por estes e mais factos, a Revista Uphile, presta a devida homenagem nesta edição, na esperança de despertar a devida atenção para que entidades e pessoas singulares, possam solidarizar-se com o ícone da música tradicional em Niassa.



Texto de **Matias Constâncio Pio**
(Adaptado- **Revista Uphile**)
@direitos de imagem reservados



CONTACTE-NÓS PELOS #

86 705 3810

86 838 5083



Os nossos serviços incluem 🌟

- ☆ Ornamentação;
- ☆ Bolo Personalizados;
- ☆ Bolos Caseiros para Lanches;
- ☆ Bandeja e Cestinho para Mimos;
- ☆ Yogurte de Malambe;
- ☆ Chamussas;
- ☆ Enroladinhos;
- ☆ Rissóis
- ☆ Biscoitos;
- ☆ Gulabos,
- ☆ E muito mais...



Cidade de Lichinga
Bairro Chiuavula
Próximo à
Pista de Atletismo.

PERGAMINHOS



MAMÃ ÁFRICA

Eu ser filha
Eu ser negra
Eu ser resistência
Eu ser crespa

Eu ser, preta de alma, sangue, corpo e espírito.
Mas eu não gostar falar tu línguas
Eu não gostar tu cultura e ternura
Gostosura e doce amargura dos caminhos que
trilhamos nossa história

Minha mãe, mãe Africa
Eu não gostar de mi terra, de ti mamã
Eu ter vergonha de ti
Porquê, eu ser colonizado pelo o branco

Mamã,
Eu ser negra, preta, puro chocolate
Mas eu não gostar de ser eu, negra bonita
Eu e manos nós não gostar de estudar
Nós trabalhar para monhê na banca
O quê? Não, nós ter preguiça de escrever, ler mas
até queremos desenvolver
Mas nós é xibalo que gosta fazer

Mamã
Eu não gostar de mi cabelo, tu cabelo, nosso
cabelo, crespo, preto carapinha
Eu e manas
Nós comprar perucas e tissage, cabelo de pessoa
que morreu, não sei, não lhe conheço

Mãe, desde que partiste ou melhor te afastaram de
nós
Estamos desarraigados, dizem viemos dos macacos
e que somos burros
Mamã, volta
Volta, mamã
Talvez se mamã estivesse aqui seria diferente
Sei que estás distante
Mas sinto te presente

Mamã, eu estou carente
Preciso do seu abraço, seu sorriso, seus costumes
e tradições
Mamã, volta
Volta, mamã
Africa berço da humanidade
Erga te enquanto há tempo
Abra os olhos e veja com seus próprios olhos a sua
escolta

Mamã
África mãe terra
Terra mãe
África nossa mãe





**AGENDA CULTURAL DOS
ARTISTAS E CASAS DE
PASTOS- DEZEMBRO**

REI BRAVO



- 05/12- Beira
- 10/12- Pemba
- 20/12- Nampula
- 21/12- Nacala
- 27/12- Alto Molocue

MicalaLodge- 31/12 (Revollion).
Lukie, Banda Ulongo, Rei Bravo, Boy Line, MC Saloy.



MEU DESTINO



Fonte: Mudzi Whatu

Desde os tempos imemoriais, o Lago Niassa afirmou-se como referência icônica do turismo para a região Austral de África. Os relatos de David Livingston, por exemplo, já o distinguiam como “Lago das Estrelas”, os de Valdez Santos, o tinham como “o Desconhecido Niassa” e mais tarde, Jorge Ferrão o considerou de “caixa de surpresas”, numa altura que Conceição Matende o designou de “joia ambiental e fonte de sustento para as populações” (<https://www.dw.com>).

A aparente convergência em percepções, reflecte-se também nos achados escritos de Rafael Langa (www.mozavibe.co.mz) que o equiparou com “um tesouro natural”, mostrando inequivocamente o o inestimável valor turístico assente neste lago e que adquire ênfase para quem o tem do lado moçambicano, o qual abrange os Distritos do Lago e Lichinga na Província de Niassa.

No vasto leque de escritos disponíveis, inexistente um que questione a limpidez da água do Lago Niassa para banho de praia, nem as propriedades curativas da areia, muito menos a sua textura no relaxamento, melhoramento da circulação sanguínea ou simples tonificação dos músculos. Curiosamente, todas as fontes consentem a magnificência deste lago, exuberante em espécies aquáticas, grande parte delas exclusivas deste habitat e outras completamente novas para a ciência.

É, ao certo, um lago de origem tectônica, inserido na falha geológica conhecida por *Rift Vale*, detendo 31 mil km², 6 400 dos quais pertencentes a Moçambique que absorve uma linha de costa com cerca de 560 km na orientação Norte-Sul. Ainda assim, o lugar deste lago no universo dos lagos do mundo parece difuso, eventualmente pela raridade de abordagens que compulsam a superfície, volume e profundidade.

Vale referenciar que, no ranking mundial, o Lago Niassa posiciona-se em 9º lugar com um volume de 8 400 km³, que o coloca em 5º lugar, depois de Cáspio que detém 78 200 km³, Baikal com 23 600 km³, Tanganyika com 18 900 km³ e Superior com 12 100 km³ e uma profundidade de 706 metros, que o consagra em 4º lugar depois de Baikal com 1.637 m, Tanganyika com 1.470 m e Cáspio que detém 1.025 m (Wikipédia, www.pt.wikipedia.org).

No conjunto dos lagos africanos, Niassa é o 3º maior lago depois dos Lagos Victoria e Tanganyika, superado em volume apenas com Tanganyika que também supera os dois em termos de abrangência geográfica, por abarcar quatro nações (R. D. Congo, Tanzânia, Zâmbia e Burundi), diferentemente do Lago Victoria que abrange Tanzânia, Quênia e Uganda, a semelhança do Lago Niassa partilhado por Moçambique, Malawi e Tanzânia.

Texto de **Celestino Tomás**



O Lago Niassa é bonito, lindo e limpo, mas também rico em biodiversidade aquática, como descrito em numerosas fontes. Porém, a sua singularidade para fins de turismo reside na combinação criteriosa da paisagem florestal com a lacustre que vai desvanecendo no olhar de cada visitante, enquanto o condutor desbrava a via, sobre paisagem pitoresca e invulgar perceptível nos últimos 6 km que cedem as Vilas de Meponda e Metangula, sendo este último destino avaliada por Jorge Ferrão como provedor de uma das mais agradáveis viagens no interior da província.

A Vila de Metangula, alcançável por via rodoviária, num percurso de 107 km contados a partir da Cidade de Lichinga, faz parte de um dos destinos com maior concentração de infra-estruturas de apoio ao turismo, eventualmente o mais pronto para o turismo dentro das fronteiras moçambicanas. Longe de ser a Costa Rica, nem a Nova Zelândia, Metangula revela-se como um destino com forte tendência de turismo responsável, socialmente aceitável e ecologicamente sustentável, visto na base das actuais projeções inovadoras introduzidas nas unidades hoteleiras com apoio do sector público que zela pelo turismo.

A quem diga que visitar Niassa sem apreciar o Lago Niassa é uma viagem incompleta e que não compensa, mesmo após uma escala ao Local Histórico de Matchedje ou ao monumento da Rainha Achivanjila, que distam a sensivelmente 250 km e 145 km da Cidade de Lichinga, respectivamente.

Como se pode perceber, não há escritor, nem principiante que tenha descrito o Lago Niassa, para cansar a mente do leitor. Tudo quanto foi possível relatar sobre este destino, comove a reler e, no olhar de leigos, parece tratar-se de único lugar no mundo, onde o homem ganha inspiração para escrever com a mais elevada criatividade humana.

Lago Niassa, proporciona uma vista excepcional, quase inalcançável, que gera um pôr-do-sol espetacular, o qual somente não é captado por aqueles que subestimam o valor da imagem, vezes omisso, mas que se vislumbra além da própria fotografia.



Fonte: Ntende Lodge, Meponda



Fonte: Ntende Lodge, Meponda



É, sim, a paisagem que mais encanta os visitantes. Todavia, a tradição local está entre as melhores justificativas imperdíveis numa visita ao Lago Niassa. Entre os cenários que colam a mente do visitante, consta a partilha do tempo à beira do lago, em grupos de famílias e amigos, que apreciam o ambiente envolvente, repleto ora de pescadores, ora de mulheres e crianças lavando a louça em áreas distintas das reservadas para banho, segregadas por uma linha imaginária que gera privacidade baseada no sexo. Os agrupamentos de homens e mulheres nas margens do Lago Niassa, parece mais uma condição provida pela própria natureza, em lugares localmente denominados por Doko, distinguíveis por uma regra repulsiva que age no invisível, em benefício a privacidade.

Há também locais de interesse histórico imperdíveis em visitas agendadas fora ou dentro, quer dos festivais de danças tradicionais de N'ganda e Chiwoda que ocorrem anualmente em todas as aldeias entre os meses de Junho à Setembro, quer da época do Festival das Estrelas do Lago, oferecido pelo Executivo Provincial no mês de Outubro, com possíveis alterações para Novembro, dentro da bioluminescência que marcou a água durante a expedição de descoberta realizada por David Livingstone, cujo propósito é estimular o senso de comunidade praticante e beneficiária do turismo, em apoio a economia local.

Basta uma vista paisagística sobre o Lago Niassa, para encerrar a decisão de visita a outras áreas geográficas e dar início a uma busca minuciosa de acomodação na Residencial Mira Lago, Micala Lodge, Jasmine Bay Hotel & Spa ou na Massauko Service, com ou sem auxílio da Ushaka Travel, sediada na Cidade de Lichinga.

Por: Celestino Felício das Dores Tomás, Turismólogo, em exercício na Direcção Provincial da Cultura e Turismo do Niassa.



Fonte: Faruk da Costa/Micala Lodge



Celestino Tomás

Texto de **Celestino Tomás**



MEU PRATO



A viagem do tempo levou-nos aos segredos públicos mas doptados de mestria na arte de gastronomia do Chefe Agostinho, residente em Lichinga, natural da Zambézia, da terra do frango a zambeziana, mas filho de Niassa, no que aos temperos diz respeito. Trabalhador a 16 anos no sector de hotelaria, demonstra excelência e zelo na satisfação dos paladares, tornando-se o chefe fiel e responsável na condução da aventura aos sabores típicos do Niassa, propondo-se a trazer os contornos por detrás do sucesso da **"Galinha Revoada"**

A Galinha Revoada, segundo nosso fiel chefe Agostinho consta na lista dos principais pratos solicitados pelos clientes no **Quiosque Residencial na Sandra**, empreendimento turístico localizado na cidade de Lichinga, dedicado a prestação de serviços de alojamento, alimentação e organização de eventos, local onde este trabalha. O peixe Chambo, telapia da água doce do Lago Niassa, segue também em destaque na sua solicitação para consumo.

Afinal, qual é o segredo? mesma galinha, mesmo óleo e o mesmo sal?

O Chefe Agostinho vai devagando na sua humilde voz, mostrando sua firmeza no domínio da matéria, sua paixão na arte da culinária, sua certeza na definição dos ingredientes, sua intimidade com os temperos que o tornam destacável na confecção deste prato.

"O segredo está no seu preparo", normalmente o tempo de cozedura varia entre 30 à 45 minutos e este processo é antecedido de:

- Fumigação da galinha com espigas de mapira;
- Dividi-la em pedaços;
- Higienizá-la;
- Colocá-la na panela;
- Adicionar o óleo e sal a gosto;
- Deixá-la ferver sem adicionar água extra mas mantendo o controlo;
- Verificar regularmente, mexendo e indo adicionar aos bocados a água até que coza;

O que tem de especial? *"o processo da fumigação da galinha deve ser feito com as espigas da mapira para que a fumaça seja absorvida devidamente, pois é a mesma que torna o sabor da carne da galinha único. Mas também, o uso da panela de barro confere autenticidade do prato, embora o principal de todos os segredos seja o Amor, o que faz da culinária, arte: mesma galinha, mesmo óleo e o mesmo sal, mas o amor torna o prato diferente"*

A galinha revoadada é melhor acompanhada com Xima de farinha de milho, mapira ou mexoeira e também pode ser reforçada com molho de tomate e folhas de abobora bem como uma couve frita.



FICHA TÉCNICA

Propriedade: **REVISTA UPHILE**

Edição: **2ª Edição**

Local de Publicação: **Lichinga/Niassa**

Revisão: **Phd. Geraldina Paia Gueze**

Editora: **Revista Uphile**

Arranjo Gráfico: **Valdimar José Américo (Milord Mídia Design)**

Impressão: **Melo Jr Service**

Exemplares: **15**

Ano: **2025**

Número de Páginas: **60**



Revista Uphile



Revista Uphile



Revista Uphile



+258 84 265 3521



*info@revistauphile.com
revistauphile0055@gmail.com*

